

## ÉTICA CRISTÃ E REVELAÇÃO

Luiz Carlos Sureki SJ

A necessidade de pensar o 'evento Cristo' (Fato Cristão) vem do desejo intrínseco à fé de ser compreendida em cada situação. A experiência cristã, e com ela a visão de Deus, só poderá se expressar com sentido no horizonte de compreensão próprio de cada época. Significa dizer que à medida que se configura um novo horizonte de compreensão aparece sempre um desajuste entre a *experiência fundante* e os modos vivenciais, práticos e conceituais com que a expressamos<sup>1</sup>. Segue-se que a expressão dessa experiência (cuja característica fundamental é sua atualidade) deverá encontrar os meios e as categorias próprias em cada contexto para só assim poder transmitir com fidelidade, originalidade e sentido, a especificidade dessa *proposta* que envolve o ser humano como um todo.

Poderíamos nos perguntar se o *desajuste* acima mencionado é uma questão referente somente ao modo com que expressamos nossa experiência de Deus, ou se ela diz respeito à própria experiência em si. Embora não se possa separar a experiência da expressão que a supõe, o que nos parece é que a dinamicidade da experiência vai exigindo por si mesma, a partir das mudanças culturais e com ela o surgimento de novos horizontes de compreensão, uma determinada 'flexibilidade' dos conceitos nos quais ela se expressava. Com efeito, a experiência de um Deus amoroso, presente e atuante na história, exige repensar, por exemplo, os conceitos de *criação*, de *salvação*, de *revelação*, mesmo porque um implica necessariamente no outro.

---

<sup>1</sup> A. TORRES QUEIRUGA, *Fim do Cristianismo Pré-Moderno*, São Paulo: Paulus, 2003, p. 17.

Aqui, pretendemos aludir à concepção de *revelação* somente à medida que esta traz implicações para a reflexão do agir do cristão.

O esforço teológico atual de propor um novo paradigma de leitura a partir da experiência cristã consiste essencialmente em 'voltar' a Jesus de Nazaré para resgatar a 'diferença' cristã, vale dizer, sua especificidade, para além da fragmentação do discurso pós-moderno caracterizado, em grandes linhas, por abordagens unilaterais ou parciais nas quais o sujeito (entendido pela categoria talvez mais abrangente de *pessoa*) não se vê contemplado na sua totalidade. Em termos de Moral Teológica, significa pensar a ética cristã não simplesmente como uma a mais entre as éticas existentes, mas como uma proposta realmente abrangente (pretensões de universalidade), convincente (que articule as principais categorias da práxis humana num discurso coerente), e que possa ser vivida como experiência ética na dimensão concreta da vida (dimensão da particularidade).

A recuperação do 'Jesus histórico' abriu novos horizontes à cristologia e nos aproximou mais da humanidade de Jesus. Para a teologia cristã como um todo, essa recuperação é uma conquista irrenunciável. Assim, a reflexão sobre o agir de Jesus deverá fazer emergir as categorias com as quais se poderá construir então um discurso ético realmente consistente e fiel à especificidade do agir cristão. E isso porque os valores que se farão notar na prática de Jesus não serão estranhos aos valores que almejamos e consideramos como tais, dentre outras coisas, pelo simples fato de serem valores humanos.

A história de Jesus deverá nos mostrar que os valores morais conquistados ao longo da história da humanidade já se apresentam em Jesus. Com efeito, não pode ser contraditório ver Jesus como um homem livre, autônomo<sup>2</sup>, que se relacionava com os demais, que tinha desejos e que sentia profunda alegria em viver. Caso isso fosse estranho à Revelação, esta revelação não poderia ser considerada como plenitude.

### ***Ponto de Partida da Ética Teológica Cristã***

O que nos parece é que o ponto de partida de uma reflexão ética cristã hoje pressupõe necessariamente uma re-leitura do conceito de Revelação, pois a origem da ética cristã é justamente a fé cristã, e o centro da fé cristã é a auto-

---

<sup>2</sup> O conceito de *autonomia* ocupa um lugar central na reflexão moral moderna sobretudo a partir de Immanuel Kant (1724-1804). A influência de Kant para a filosofia moral se faz sentir ainda hoje. A partir do contexto moderno é praticamente impensável afirmar a liberdade e, ao mesmo tempo, prescindir da autonomia, pois esta última remete ao fato de que somente um sujeito livre dá a si mesmo sua própria lei.

revelação de Deus em Jesus Cristo. Daí decorre que o modo de entendermos a Revelação influi diretamente no significado da ação humana dos cristãos, pois esta deve ser justamente um reflexo de sua fé.

Por isso, trata-se aqui de mostrar que o problema da Revelação antecede a reflexão propriamente ética do agir cristão, pois a Revelação de Deus em Cristo (ponto de partida da reflexão cristã) tem que ser entendida sob o pressuposto de que Deus se revelou antes de Cristo e continua se revelando depois de Cristo sem que isso diminua a revelação no Cristo.

Na verdade, o problema da Revelação mostra sua máxima tensão sempre que nos situamos *unilateralmente* em um de seus pólos. Com efeito, sempre que ela é interpretada como *comunicação de algo oculto*, tende-se a acentuar o *extrinsecismo*: o revelado é concebido como “vindo de fora”, externo ao sujeito ao qual a Revelação é remetida sem contato direto e pessoal, que, por sua vez, dá margem para pensá-la como intervencionismo de Deus na história. Por outro lado, se é interpretada como *presença imediata* do revelado na experiência humana, tende-se a acentuar o *intrinsecismo*: o revelado é então interno ao sujeito. Tal posição corre sempre o risco de confundir o revelado com a consciência da própria interioridade, perdendo sua referência transcendente<sup>3</sup>, caindo no subjetivismo.

Compartilhando da proposta que apresenta o teólogo Andrés Torres Queiruga, creio que deveríamos pensar que Deus não necessita “chegar” ao homem, porque já está sempre com ele, ou seja, Deus se revela sempre. Caso quiséssemos defender outra posição, teríamos que admitir, ou que a Revelação de Deus em Jesus Cristo foi um evento que ficou encerrado nas coordenadas históricas de um passado distante, e nesse caso o agir cristão seria uma imitação do agir de Jesus, ou teríamos que afirmar a absoluta transcendência de Deus, sem relação com a contingência de nossa história, e nesse caso a Revelação seria tida como algo que ‘vem de fora’.

Ora, toda a história de Israel fala de um povo que “descobriu” Deus na história e ao fazê-lo foi descobrindo a si mesmo. A Bíblia nasceu do ‘descobrimento’ desse Deus na vida do povo e do progressivo aprofundamento na compreensão, tanto de seu modo de relacionar-se com os demais, como dos modos de conduta que isso suscitava neles<sup>4</sup>. Assim, a história da Revelação consiste basicamente em ir Deus conseguindo que esse meio opaco e impotente para o infinito, que é o espírito do homem, vá captando sua presença e se sensibilize para sua manifestação, entrando assim em diálogo com sua palavra de amor e acolhendo a força salvadora de sua graça. A isso denominamos ‘experiência de Deus’.

<sup>3</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, *Fim do Cristianismo Pré-Moderno*, op. cit., p. 108.

<sup>4</sup> Cf. A. TORRES QUEIRUGA, *A Revelação de Deus na Realização Humana*, São Paulo: Paulus, 1995, p. 40.

Sem o pressuposto de uma ação contínua, eficiente e amorosa de Deus na história humana, a Revelação não passaria de um evento localizado cujas pretensões de universalidade já nasceriam fadadas ao fracasso, levando consigo a 'intenção' divina originária de uma salvação universal. Por isso, a captação definitiva da Revelação divina em Jesus Cristo significou o final histórico do particularismo bíblico e a descoberta de seu destino universal, não como totalmente novo, mas como *oferecimento* em plenitude do mesmo Deus já procurado e em quem viviam, moviam-se e existiam todos os homens (cf. At 17,27-28).

Com efeito, acolher a Revelação como uma oferta, como proposta de Deus à humanidade significa dar-se conta de que não há contradição entre imanência e transcendência em Deus, e que Deus assegura, ao mesmo tempo, o valor irrevogável da liberdade e autonomia humanas diante dele. Afinal, o homem pode dizer 'não' a essa proposta.

A plenitude da revelação em Cristo não fecha, mas antes abre; não paralisa a presença de Deus, mas antes a torna patente em sua máxima atualidade. Por isso, a Revelação é sempre atual: Deus continua se revelando num processo sempre aberto que tem à frente, como meta e como garantia, a plenitude do Crucificado-Ressuscitado<sup>5</sup>. Deste modo, a Revelação de Deus em Jesus Cristo, apesar de ser o cume da manifestação divina, não é uma manifestação isolada. Ao contrário, ela se apresenta por excelência como chave-de-leitura e horizonte no qual todas as manifestações de Deus passadas, presentes e futuras podem ser referidas. Pois, a plenitude da Revelação em Cristo não está associada simplesmente ao dado cronológico, mas o Cristo revela o que já houve, há e haverá de *crístico* na humanidade.

### ***Especificidade da Ética Cristã***

Se é Deus em nós quem sustenta continuamente nosso ser, nosso agir, nosso pensar, então a pergunta pela Revelação não pode obter uma resposta sem que a própria pergunta já seja parte da resposta. Donde se segue que a Revelação só pode ser um movimento de nós para Deus porque é antes um movimento de Deus para nós. A aceitação da iniciativa divina no nosso próprio agir só é possível por uma *livre acolhida* desta na fé. Aí está, portanto, a especificidade do agir cristão. Em outros termos, isso significa que o cristão olha para Jesus para instruir-se no seu agir porque crê que em Jesus se dá a plenitude da revelação divina e como tal a plenitude de um agir segundo a vontade de Deus. E mais, crê que através do seu agir Deus

---

<sup>5</sup> Cf. TORRES QUEIRUGA, *A Revelação de Deus na Realização Humana*, op. cit., p. 414.

continua agindo na humanidade, ou seja, Deus *continua se revelando* na ação do cristão.

Agora já temos condições para afirmar que o agir do cristão não está definido de antemão. Ele está estritamente ligado à experiência de um Deus amoroso, presente e atuante que se revela continuamente e, por isso, dinamicamente. Esse amor de Deus pela humanidade, sua presença e atuação concretas se manifestaram em plenitude em Jesus de Nazaré. Daí o convite a 'voltarmos' a Jesus para redirecionarmos e re-significarmos continuamente o nosso agir e, sobretudo, para descobrirmos no Rosto de Jesus, o rosto amoroso do Pai que se comunica conosco e que, ao fazê-lo, possibilita e sustenta nossa experiência de fé.

**Luiz Carlos Sureki SJ** é bacharel em Filosofia e graduando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG.

**Endereço:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127  
31720-300 Belo Horizonte - MG  
e-mail: luizcarlossureki@yahoo.com.br